Artigos livres

História do jornalismo no Rio Grande do Norte: a primeira reportagem

Gustavo Sobral[1]
Juliana Bulhões[2]

The history of journalism in Rio Grande do Norte: the first news report

Revista Galo v. 7 n. 14
https://doi.org/10.53919/g14l1

Resumo. Este artigo analisa as recordações de viagem de Francisco Othílio Álvares da Silva, publicadas em 1861 no jornal *O Recreio*, que consideramos como a primeira reportagem sobre o sertão do Rio Grande do Norte. A partir desse material, examina-se a viagem realizada pelo presidente da província, Pedro Leão Veloso, ao interior potiguar, contextualizando-a no cenário político, administrativo e jornalístico do Brasil imperial. O estudo discute o caráter singular da expedição, em um contexto de governanças provinciais breves e fortemente vinculadas às disputas partidárias. Também recupera o papel da imprensa oitocentista local e sua relação com a circulação de informações e relatos de viagem. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se na análise documental de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e em fontes historiográficas sobre a imprensa e a província. O trabalho integra uma investigação mais ampla sobre a história do jornalismo no Rio Grande do Norte no século XIX.

Plavras-chave. Jornalismo. História do Jornalismo. Reportagem. Rio Grande do Norte.

Abstract. This article analyzes the travel recollections of Francisco Othílio Álvares da Silva, published in 1861 in the newspaper O Recreio, which we consider to be the first news report about the backlands of Rio Grande do Norte. Based on this material, the study examines the journey undertaken by the provincial president, Pedro Leão Veloso, to the interior of the province, contextualizing it within the political, administrative, and journalistic landscape of Imperial Brazil. The article discusses the singular nature of this expedition in a context marked by short provincial administrations closely linked to partisan disputes. It also recovers the role of the local nineteenth-century press and its relationship with the circulation of information and travel accounts. Methodologically, the research is based on documentary analysis of newspapers available in the Digital Newspaper Library of the National Library of Brazil, as well as historiographical sources on the press and the province. The article is part of a broader investigation into the history of journalism in Rio Grande do Norte in the nineteenth century.

Keywords. Journalism. History of Journalism. News Report. Rio Grande do Norte.

[1]Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN).. ORCID: https://orcid.org/0009-0006-6130-988X. ID Lattes: https://lattes.cnpq.br/4597440453072251. E-mail: gustavo@gustavosobral.com.br.

[2]Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (FAC-UnB).. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6221-2696. ID Lattes: https://lattes.cnpq.br/6317449171496875. E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com.

Introdução

1861. A província do Rio Grande do Norte andava a cavalo e a burro e, saindo pelo rio Potengi, em Natal, a navegação de cabotagem ligava as pontas do Rio Grande pelo litoral e, daqui para fora, pelos competentes serviços da companhia de navegação pernambucana.

A província compreendia o que é hoje o Estado do Rio Grande do Norte, com uma área de cerca de 53 mil quilômetros quadrados, 0,62% do território nacional, 23 municípios, 6 comarcas e 27 paróquias. Não havia conhecimentos estatísticos precisos, mas calculava-se, à época, uma população de cerca de 200 mil habitantes.

Lyra (2008) resume bem aquele tempo: o colégio Ateneu foi reorganizado e mais duas cadeiras, geografia e história, e língua e literatura nacionais, foram criadas; subiu a 2.013 o número de fazendas de criação, produzindo anualmente, em média, 60.000 cabeças; floresceram a cana-de-açúcar, o algodão e a pequena lavoura; houve plantio de café em Martins e Portalegre, e de fumo em vários municípios; atingiu ao duplo a exportação do sal, crescendo igualmente a do peixe seco, da palha de carnaúba e dos couros frescos, salgados e curtidos, e chegavam a outros mercados os afamados queijos do Seridó; ascendeu a 500 contos por ano o valor oficial das mercadorias estrangeiras importadas diretamente ou por cabotagem e, aproximadamente, a 1.000, o das exportadas; intensificaram-se as correntes comerciais; a receita duplicou.

Casas comerciais estrangeiras haviam se instalado e também representavam todo o sistema necessário para que funcionassem, e isto implicava portos, companhias marítimas e ferrovias, construção de estradas e pontes, telégrafo, os melhoramentos urbanos. A tudo isto a província assistiria nas décadas seguintes.

O navio a vapor substituía os veleiros e o comércio passava a ocorrer mais rápido e de forma mais regular. Os portos de Natal, Macau e Areia Branca estavam em pleno funcionamento. A intensa atividade comercial representaria arrecadação de impostos, e a receita seria sinônimo de investimento. Toda esta prosperidade não seria conquistada e continuada sem que se conhecesse a fundo a província, suas instalações, dificuldades e carências. Só o conhecimento traria o progresso.

O presidente da província, Pedro Leão Veloso, não só sabia disso como, no ano de 1861, partiu com uma comitiva para conhecer o sertão. Uma viagem que duraria 44 dias, passando por Assú, Príncipe (Caicó), Imperatriz (Martins), Mossoró, Jardim (Jardim do Seridó), Macau e as vilas de Apodi, Pau dos Ferros e Portalegre, além de não sei quantas fazendas, estradas carroçáveis e não, veredas, um mundo.

O conhecimento da realidade parecia ser, para Leão Veloso, essencial para a gestão da coisa pública e implicava colher, recolher, perguntar, anotar e registrar a realidade física, social, política e econômica da província. Ir in loco. Apurar. Ver para crer.

Era subir à sela no cavalo e percorrer léguas, comendo poeira, fosse sob sol a pino, à tardinha, à noite ou mesmo viajando pela madrugada fria e tranquila, por caminhos ainda desabitados, em distâncias entre serras, açudes, rios perenes ou não, no meio da mata, repousando em

fazendas hospitaleiras, recebidos festivamente nas cidades com fogos, girândolas e banda de música.

Afinal, tratava-se da autoridade máxima da província, a quem se devia respeito e consideração e, além disso, da figura do viajante, e todo viajante é estrangeiro na terra a que chega. Mas o que era aquele sertão, a terra adentro, o interior da província que a comitiva trataria de percorrer na longa viagem?

A conquista e habitação do sertão do Rio Grande do Norte pelos colonos portugueses começara no século XVII, depois da expulsão dos holandeses e da reconquista pelos portugueses, quando os primeiros chegantes ultrapassaram o Planalto da Borborema, vindos pelo sul e subindo pela Paraíba no rastro do leito dos rios; outra entrada se fez pelos caminhos do Ceará para a chapada do Apodi e, assim, houve a conquista do Oeste (Cascudo, 2002).

Fizeram currais, casas de moradia, combateram índios, que julgavam bárbaros, empregaram vaqueiros. Araram a terra, conheceram a mata e os bichos, aclimataram-se e fundaram raízes, descobrindo, apossando-se, nomeando rios, riachos, lagoas, poços e serras, marcando divisas, traçando caminhos e estradas sinuosas, precárias, úteis, sedimentando crenças, costumes, povoados, vilas e cidades. Construíram o sertão. Era este o sertão da província que a comitiva em viagem iria encontrar estabelecido.

A província teria, naquele século, quando tudo parecia impossível, a considerada primeira história escrita por autoria de Manuel Ferreira Nobre, ajudante de ordens do presidente da província e membro da comitiva. Livro publicado em 1877 e custeado pelo autor.

Outros registros importantes restaram, como o afamado relatório do presidente Leão Veloso, datado de 1862, e um terceiro documento vivo, pouquíssimo conhecido e nada lembrado, publicado logo após a viagem, que chegou ao público ledor dos jornais naquele mesmo ano: as recordações da viagem por Francisco Othílio Álvares da Silva.

Francisco Othílio Álvares da Silva seguiu com a comitiva e deixou, nas páginas do jornal *O Recreio*, jornal que circulou apenas naquele ano de 1861 e que durou apenas 25 números, suas "recordações de viagem". Documento hoje disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Infelizmente incompleto, mas possível de ser consultado e capaz de recuperar o que viu, viveu e passou a comitiva na visão do viajante vestido de repórter.

Este artigo é parte de uma pesquisa que os autores vêm desenvolvendo desde 2016 acerca da história do jornalismo e compõe, juntamente com outros estudos, a atuação da considerada primeira jornalista do Rio Grande do Norte, Úrsula Garcia; a trajetória do primeiro jornal, *O Natalense*; e do primeiro tipógrafo, Carlos Eduardo Muhler; além de um levantamento bibliográfico sobre a história desse jornalismo local, uma tentativa de recuperar, em específico, vertentes do jornalismo do Rio Grande do Norte no século XIX.

A viagem

Imaginar que, de todos os presidentes de província que governaram o Rio Grande no Império, só se tem notícia desta única viagem oficial talvez seja não só uma prova do desinteresse desses

governantes, enviados pelo governo imperial, com passagens breves por uma província cujo governo não era muito cobiçado, pelo contrário, tratava-se de um sacrifício para uma possível recompensa melhor no futuro, como bem mostra Holanda (2010).

A política no Império foi o tempo todo marcada pela alternância do poder entre os dois partidos dominantes, tanto na sede do Império quanto nas províncias: o Conservador e o Liberal. O Partido Conservador reunia os burocratas, os comerciantes e os proprietários de terra cuja produção se destinava à exportação; o Liberal reunia os profissionais liberais e os proprietários de terras cuja produção estava voltada para o mercado interno (Carvalho, 2020).

Lyra (2008) descreve bem o cenário local, nada mais do que uma amostra do que corria pelo Brasil imperial: nos primeiros anos não havia arregimentação partidária, a política vivia em torno dos presidentes de província, solicitando graças e favores.

Embora coubesse ao Imperador, por prerrogativa constitucional, nomear os presidentes de província, o soberano seguia a indicação dos ministérios, que nomeavam os presidentes segundo seus interesses. A presidência da província, portanto, tornava-se uma extensão do governo central e sujeita aos seus humores.

A nomeação também era oportunidade de os ministros nomearem seus correligionários mais próximos, a título de prêmio ou agradecimento. O cargo de presidente de província se tornava, portanto, muito mais político do que administrativo.

Os presidentes de província, assim, acompanhavam os ministérios; se o ministro fosse liberal, o presidente vinha dos liberais; se conservador, seria conservador. O mesmo acontecia nas províncias: liberais e conservadores conviviam ora sob a égide do seu partido, ora não.

Tão descontinuadas e ligeiras se tornaram as governanças nas províncias quanto eram as durações dos ministérios. Na visão de Holanda (2010), os presidentes de província se tornavam praticamente agentes para garantir, nas províncias, a vitória do ministério nas eleições. O presidente de província, para tanto, contava com o auxílio dos chefes de polícia, delegados, subdelegados e da Guarda Nacional.

Breve e passageira era a permanência, se é que se pode falar em permanência, dos forasteiros, que eram os presidentes de província, tendo em vista que eram originários de outras províncias e, muitas vezes, aceitavam também o cargo como sacrifício para futura recompensa em nomeações e melhores postos no futuro próximo, além de benesses para tornar o sacrifício mais atrativo, como um ordenado melhor e ajuda de custos.

Os relatórios dos presidentes, as chamadas falas, passam a registrar todos os aspectos da província: situação das estradas, obras públicas, finanças, ensino etc.; e destinavam-se à Assembleia Provincial com periodicidade anual ou quando havia mudança da presidência.

A província do Rio Grande, pelo que se lê nos relatórios, era a terra que carecia de tudo: estradas, infraestrutura, edifícios públicos adequados; o ensino precisava de melhorias, a saúde era precária, não havia hospitais e não havia médico. A província sofria e, pouco a pouco, foi melhorando uma coisa aqui e outra ali. Poucos tinham a ventura de montar no cavalo e ir conhecer a terra adentro. Leão Veloso foi um desses poucos.

E não fora esta viagem ao sertão do Rio Grande do Norte a primeira viagem de Leão Veloso. É certo que Leão Veloso encheu-se de propósitos e a comitiva foi organizada. Nela, não se sabe se já com a missão de documentá-la para o jornal e, se sim, se foi sugestão, ideia e propósito de Francisco Othílio Álvares da Silva. Certo é que restou, como o único documento certo e sabido desta viagem, o relato de viagem de Francisco Othílio Álvares da Silva, e mais nenhuma outra menção existe ou foi encontrada sobre o percurso desta comitiva.

O jornal era o meio imediato disponível, pois não se imprimiam livros no Rio Grande do Norte. Não se sabe o porquê, pois, se havia jornais em circulação, havia prelo. Também havia o custo do papel que, ao que parece, para um simples funcionário do governo tornava uma iniciativa financeira inviável ou arriscada.

Se formos tomar, uma década e meia depois, os esforços que Manoel Ferreira Nobre, também membro da comitiva, empreendeu para publicar o seu livro, não há dúvidas das dificuldades. Também não poderia ser esse o propósito de Francisco Othílio Álvares da Silva. Não há como saber.

Ferreira Nobre publicou *Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte* pela Tipografia Espírito-santense de Vitória, província do Espírito Santo, em 1877. Impresso às custas do próprio autor, que oferecia aos amigos a aquisição de um exemplar para recuperar o investimento, e vendido a dois mil réis.

Breve notícia registra, cada uma em um capítulo, as cidades e vilas existentes na província, apresentando, entre outros dados, localização e dimensões do território, agricultura, comércio e indústria, receitas e despesas, edificações, dados populacionais, colégio eleitoral, instrução pública e privada, imprensa, costumes, cultura intelectual, festividades e curiosidades etc., um mundo de informações (Sobral; Pignataro, 2022).

Não há menção direta à viagem no livro, embora Ferreira Nobre tenha integrado a comitiva. No prólogo, uma nota intitulada "Ao público" menciona que foi em razão de suas atividades na secretaria da Assembleia Provincial, na função de oficial-maior, que, ao precisar fornecer constantemente às comissões da assembleia informações sobre a província, Ferreira Nobre tratou de reuni-las com a ideia de escrever uma descrição do Rio Grande do Norte.

No entanto, é inegável que a viagem deva ter contribuído de alguma forma para a confecção deste seu trabalho, pois, ainda no prólogo, Ferreira Nobre escreve que publica, além das tradições, pequenas reminiscências. Considerava-se reminiscências, de acordo com Pinto (1832), a renovação da lembrança de coisa ausente.

O relatório de Leão Veloso também nada menciona sobre a viagem. Ambos, Ferreira Nobre e Leão Veloso, decerto, por terem visto e vivido uma parte da província que só era distância, o sertão, devem ter-se valido da experiência como subsídio para a confecção dos seus trabalhos. O presidente, no seu relatório; o escritor Ferreira Nobre, no seu livro informativo e histórico sobre a província. E quanto não haverá nestes documentos do que viram, ouviram e tomaram nota nesta viagem?

Certo é que partiram para a viagem em um navio diretamente da cidade do Natal para aportar em Macau, onde tomariam os cavalos e se daria a viagem por terra. É o que noticia o jornal *O Rio Grandense do Norte*, na edição de 16 de julho de 1861: hoje, 9 do corrente, pelas 8 horas da manhã, partiu no vapor Jaguaribe o presidente da província do Rio Grande do Norte, Pedro Leão Veloso, acompanhado do inspetor da tesouraria provincial, João Carlos Wanderley; do engenheiro Ernesto Augusto Amorim do Valle; e de um escriturário de sua secretaria e do ajudante de ordens, não nominado, mas que é o sabido Manoel Ferreira Nobre.

A notícia ainda registra o destino e o motivo da viagem: visitar as vilas e as cidades do interior da província, estudar as necessidades mais urgentes, para provê-las da maneira mais consentânea com o estado financeiro da província. Ainda, talvez já prevendo as intrigas e a falação, a nota faz frisar que o presidente não ia a passeio ou por diletantismo.

E uma crítica, pois não faria como os presidentes de outras províncias, que saíam em viagem à custa do erário sem resultado vantajoso. Leão Veloso, afirma o jornal, ia para tomar ciência das necessidades, para ouvir o povo e ver com os próprios olhos, e testemunhar também o emprego do dinheiro público nas obras do sertão. Certo é que a comitiva saiu e depois se fez publicar no jornal um relato desta viagem.

Crítico, poético e noticioso

Jornais diversos circulavam na província naquele período, em uma história do jornalismo que começa com a publicação de um primeiro jornal em Natal, intitulado *O Natalense*, no ano de 1832. Jornal que teve vida curta, pois só vai até 1837; e circulação restrita, pois, além da sede da província, Natal, foi vendido em mais duas cidades, Açu e Goianinha.

A imprensa no Império era livre, pois livre era a iniciativa para criação de jornais, que foram tantos nas províncias. Todos de vida curta e vinculados aos partidos políticos, despejando a ideologia e os rumores do momento de forma apaixonada e radical.

Os jornais da época resumiam-se, segundo Barbosa (2010), a artigos de fundo, relatos de atas, leis e discursos, e pronto. Fernandes (1908) registra mais de 95 jornais em circulação na província no correr do século XIX, entre sucessões e vida e morte, pois, como aponta Cascudo (1999), era um jornalismo essencialmente de cunho político-partidário.

A vida breve não impedia que o mesmo time de redatores encerrasse uma publicação e, mais adiante, voltasse com propósitos idênticos, fundando uma nova gazeta de vida efêmera e com novo título. A exceção, ao que parece, veio não tanto pela vida breve, mas pelo teor, com a existência de *O Recreio*, periódico que se intitulava "crítico, poético e noticioso".

A consulta a exemplares deste jornal na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional nos permite identificar que era uma publicação semanal, vendida por assinatura trimestral a 2$000 e impressa na Tipografia Dois de Dezembro. Até aí nada há de diferente de todos os outros, inclusive no que tange ao preço; Molina (2015) aponta o preço dos jornais, e encontramos uma maioria a 80 réis o exemplar e 2$000 a assinatura trimestral.

Assim como todos os jornais publicados no período, *O Recreio* apresentava-se em quatro páginas e em duas colunas. A diferença estava no cunho literário, explorando em suas páginas textos dos literatos da província em crônica semanal, poesia, charadas, anedotas, epigramas, pensamentos, anúncios e outros textos diversos. E uma grande novidade: a reportagem com as recordações de viagem por Francisco Othílio Álvares da Silva.

A reportagem

A reportagem já era considerada um gênero jornalístico no século XIX (Godinho, 2021). Cascudo (1976) e Melo (2009) instituíram as recordações de viagem de Francisco Othílio Álvares da Silva como a primeira reportagem escrita e conhecida sobre o sertão do Rio Grande do Norte.

Se reportar deriva de relatar (Peynaud, 2016); se reportar é remeter-se, referir-se a (Pinto, 1832). A noção de "recordação", utilizada por Francisco Othílio Álvares da Silva no título de sua reportagem, já anuncia o intento: o repórter pretende recuperar o tempo da viagem a partir da rememoração, compondo na reportagem um relato da viagem.

Ao se debruçar sobre um relato de viagem, Junqueira (2011) aponta que é preciso se perguntar quem é o autor; qual é o público; se foi escrito durante, após ou muito tempo depois da viagem; a forma, se é narrativa, memória, carta, diário etc.; e quando foi publicado. Assim, a autora considera que é possível entender e apreender a consistência do relato.

Infelizmente, em se tratando de Francisco Othílio Álvares da Silva, há uma completa ausência de informações biográficas. Foi possível localizar apenas o ano de sua morte, 1888[3]. O mais que se sabe sobre ele é que foi poeta, autor da reportagem e, segundo Cascudo (1976), funcionário da tesouraria provincial.

Sobre a reportagem, sabemos que foi publicada em partes, após a viagem, no jornal *O Recreio*, entre 13 de setembro e 17 de novembro de 1861. No entanto, não é possível ter acesso ao teor completo da reportagem, pois a Biblioteca Nacional, a única certa e sabida que possui exemplares de *O Recreio*, não dispõe da coleção completa do jornal.

Segundo Costa (2026), a coleção da Biblioteca Nacional inicia com o número 13 e continua de forma ininterrupta até o número 18. A partir daí há algumas lacunas, pois a Biblioteca não dispõe dos números 19, 22, 24 e 25.

Não sabemos quando a publicação da reportagem teve início, provavelmente no número 12, e terminou no número 21. Abaixo, compomos uma tabela com o que foi possível recuperar da viagem a partir dos números disponíveis para consulta, acrescentando também um breve resumo informado pelo próprio autor da reportagem.

[3]Encontramos o ano do seu falecimento na nota publicada na Gazeta do Natal, Ano I, n. 69, de 29 de agosto de 1888. Na nota, a família convida para a missa do sétimo dia de falecimento, na matriz, às 5h da manhã do dia 30 de agosto de 1888.

Tabela 1 — Edições com textos sobre a viagem no jornal *O Recreio*

Número	Data da publicação	Resumo informado pelo autor
13	13 de setembro de 1861	A fazenda do Morro, um sucesso inesperado, a entrada na cidade do Assú, o ensaio de quadrilhas, o homem da – divisão – e a chegada ao Acari.
14	22 de setembro de 1861	A partida do Acari, o meu cavalo, a chegada à vila do Jardim, a noite de distração, as belas de S. Paulo.
15	29 de setembro de 1861	A chegada ao Caicó, a festa da padroeira, os espetáculos de ginástica e mágica, a reunião em casa do dr. Paulino, o príncipe em geral, o sacristão Chermon.
16	06 de outubro de 1861	A partida do Príncipe, a recepção em Jardim de Piranhas, ainda os tocadores de clarineto do Catolé. O descanso nos pilões, a fazendo – Cachoeira – os matutos do Patu, a noite passada no Boqueirão, a ladeira do Martins.
17	20 de outubro de 1861	A Serra do Martins, sua localidade e edificação, o estado de ruína em que se acham os templos, todo o serrão visto da serra, o baile, e o passeio a um sítio vizinho.
18	27 de outubro de 1861	As minhas despedidas, o enterro dos restos mortais do baile, a partida do Martins, o meu cavalo, a fazenda – Currais Velhos –, a vila de Pau dos Ferros, o acompanhamento de Portalegre, o discurso e o homem das botas.
20	10 de novembro de 1861	A vila de Mossoró, uma noite divertida, a partida para Macau, a dormida na fazenda Umari, o descanso na entrada, a ceia na Ponta do Mel, e a chegada em Cacimbas de Viana.
21	17 de novembro de 1861	O sítio Cacimbas de Viana, a viagem para Macau, a chegada naquela vila, o embarque para fora da barra, a demora no alagamar, a chegada do Jaguaribe e a viagem para esta capital.

Fonte: elaboração dos autores

Recordações de viagem

O repórter Francisco Othílio Álvares da Silva é o narrador de causos de viagem, de suas impressões de passagem. Viajar, naquele tempo, não era um exercício de diletantismo; viajava-se com um propósito certo, sobretudo pela dificuldade dos meios de transporte e da logística de viagem. E aquela viagem oficial tinha um propósito e uma missão que não eram o mesmo propósito do narrador.

Francisco Othílio Álvares da Silva não se dedica a inventariar as construções, os problemas das cidades e vilas e a situação das obras em andamento. Não registra os encontros políticos entre as autoridades ou qualquer coisa do gênero. Não se trata de uma cobertura jornalística de uma missão oficial. O seu propósito era outro.

Um propósito que está bem escalonado no que Sussekind aponta sobre os usos dos relatos de viagem, que serviram "não apenas como divertimento, mas sobretudo como meio de conhecimento, educação e acesso a informações históricas, geográficas e sobre usos e costumes de outros povos, de outro modo inacessíveis a um público que 'não há de ir ver as cousas com os próprios olhos da cara'" (Sussekind, 1990, p. 77).

Inclusive, é flagrante, no texto, passagens em que o viajante se dirige diretamente aos leitores, provocando uma aproximação entre o leitor e a narrativa de viagem: "eis-me pois, amados leitores, na serra do Martins, ou cidade da Imperatriz, um dos pontos de tanta nomeada da província". Prometendo, até, fazer uso da franqueza: "falando-vos porém com franqueza e verdade, dir-vos-ei que bastante me surpreendeu a sua perspectiva (...)".

Noutra ocasião, chama os leitores não de "amados", mas de caros: "Avaliai, caros leitores, quais não foram os sustos que rapei, vendo-me montado em um cavalo passarinheiro, que apenas tinha caminhado um quarto de légua, voltou outra vez por ver no princípio da descida da serra uns montões de pedras!!".

E vamos identificando, no relato, diversos matizes de suas impressões, que classificamos, colecionando alguns trechos exemplificativos e não exaustivos, em um roteiro que se repete, bem característico dos relatos de viagem; assim, encontramos o que foi assunto na reportagem:

Tabela 2 — Assuntos presentes no relato da viagem

Assunto	Trecho
Marcação tempo-espaço	"Às quatro horas da tarde do dia 11 embarcamos para o morro, onde chegamos às nove da noite".
Incômodos da viagem	"(...) depois de andarmos de Herodes para Pilatos seguramente uma hora, procurando uma casa onde mais comodamente pernoitássemos, fomos por fim obrigado, em desconto dos nossos pecados, ir dar com os ossos em um grande e imundo telheiro, que constitui a tão falada casa da

Assunto	Trecho
	fazenda do morro; porém que ao meu ver mais parece um asilo de cascáveis e jararacas do que habitação de homens. E era a residência de um comandante superior!"
A presença de outras personagens	Ali e pela primeira vez deu S. Exc. Exuberante prova de um verdadeiro viajante, não se mostrando enfadado por aquela péssima pousada, e acomodando-se com a refeição que de momento se preparou, já às 11 horas da noite."
Incidentes	"A uma légua de distância, pouco mais ou menos, umas das ordenanças que acompanhavam a S. Exc. querendo fazer-se bem feito de corpo e mostrar as suas habilidades de equitação meteu as esporas ao animal que cavalgava, o qual não estando ainda bem quebrado, desembestou com ele indo-o atirar contra a parede do alpendre de uma casa, que pouco distava da estrada, dando-lhe uma tão forte pancada que todos os julgamos instantaneamente morto; porém felizmente isso não aconteceu."
Pousos e a hospitalidade	Ora, graças a Deus, às 7 horas da noite chegamos ao Poço--Verde, fazendo do Sr. Francisco Lins Wanderley, que hospedou-nos como era para esperar e desejar, passando nós ali a noite, e saindo para o Assú no dia seguinte pela manhã muito cedo."
Recepção	"Quando nos aproximávamos da cidade visitamos cerca de 30 cavaleiros, pessoas mais notáveis do lugar, que vinham ao encontro de S. Exe. Achando eu nessa ocasião alguns conhecidos como quem travei logo conversação não só relativamente a viagem, como a respeito de vários negócios desta capital."
Informações sobre as localidades e cidades	"Eis-me pois na cidade do Assú, de que tão vantajosamente sempre ouvi falar. Em verdade a sua localidade é bela, e a edificação, que de presente está amortecida, revela algum gosto. Situação ao norte do rio do mesmo nome, em cujas férteis margens se fazem muitas e variadas plantações, ela oferece mais amplos recursos para a comodidade da vida, do que outros lugares, de que adiante falarei."

Assunto	Trecho
Visitas e atividades do presidente da província	"Na tarde do dia 16 Exm. Sr. Presidente a convite de algumas pessoas deu um passeio ao Piató, e visitou o cemitério de que já falei."
Simpatias e antipatias	"Sem pretender ofender o melindre das pessoas que obsequiaram ao Exm. Sr. Presidente e sua comitiva nesta viagem, forçoso é confessar que a jovialidade, franqueza, e maneiras delicadas com que nos tratou o sr. Vigário Thomaz, conquistaram as nossas puras simpatias, o nosso sincero reconhecimento."
Comentários sobre a montaria	"No dia 21 às quatro horas da tarde já íamos caminho da vila do Jardim, toucando-me para cavalgadura um animal de notável habilidade. Ainda sinto o gosto de seu chouto impagável, do seu ríspido galope. Era um verdadeiro cavalo de gado! Apenas tinha andado quarto de légua achei-me logo tão incomodado que pareceu-me que as minhas tripas já não se achavam nos seus lugares primitivos. Mudei de marcha a ver se melhorava, porém foi pior a emenda do que o soneto (...)".
Distrações para aliviar o cansaço	[Em Caicó] "Quem como eu desejava sempre encontrar distrações que compensassem os incômodos de uma longa jornada, não devia desperdiçar uma novena naquelas alturas, e assim fazendo uma exceção à regra de muito por mim observada (a de não assistir a novenas dentro da igreja) apenas descansei quanto era bastante, mudei de fato e sai."
Descrição da paisagem	[Serra do Martins] "Um quadro o mais poético que se pode imaginar oferece de alguns pontos da serra todo o sertão que fica debaixo das vistas do contemplador. Figurai-vos de sobre um edifício de altura descomunal contemplando o azulado oceano semeado em grandes distancias de muitos cachopos, bastante eminentes, e que refletidos nas sombrias horas da tarde pelos raios do sol, variam de cores de momento em momento; e vereis o lindo painel que de vários pontos da chapada da serra se oferecem aos olhos daqueles que observam as maravilhas da natureza."

Fonte: elaboração dos autores

O texto se põe, como que em camadas, em que há esta gama variada de abordagens que se misturam na composição do todo, como aponta Junqueira: "os relatos de viagem são um corpus de texto que compreende diferentes naturezas" (Junqueira, 2011, p. 54). O relato de viagem termina por ser um pouco de tudo, por misturar descrições, narrativas de eventos e passagens diversificadas, como bem apresentamos.

Marcações de tempo e espaço; incômodos da viagem; pessoas que o acompanhavam e as que encontrava pelo caminho; incidentes; pousos e hospitalidade; recepções e informações sobre as cidades e vilas; além de outros pontos que listamos, e assim classificamos, para melhor exemplificar e entender no que consistiu o relato da viagem em reportagem, uma forma de escrever a experiência passada no espaço e no tempo.

O relato é, portanto, a forma que o repórter encontra para reportar, ou seja, narrar suas experiências de viagem com o propósito de informar aos leitores da capital, Natal, não só os acontecimentos do dia a dia da viagem, o cansaço, as pernoites, etc., mas também uma forma de apresentar os lugares visitados, ao descrevê-los; e uma forma de apresentar a situação das estradas, os costumes e divertimentos, as condições de vida e até a paisagem.

Francisco Othílio Álvares da Silva veste-se, portanto, da condição de repórter testemunha, aquele que vai para ver e conferir e, depois, narrar; aquele que partilha uma experiência sua, a tece pelo seu olhar e sabe que se dirige ao público leitor sobre um tempo e lugar que este não conhece e não vivenciou. O repórter é, assim, capaz de transportar o leitor para o tempo da viagem no desenho de sua narrativa.

Importante frisar que o século XIX é marcado pelas viagens de exploração e conhecimento, sobretudo empreendidas por pesquisadores estrangeiros que vinham conhecer e estudar o Brasil e compunham, além dos seus relatos científicos, narrativas de viagem em forma de diários, que depois seguiam o destino de serem publicadas em livro.

À semelhança destes registros dos viajantes exploradores, Francisco Othílio Álvares da Silva segue na tentativa de documentar um sertão que ele encontra nessas facetas que expôs em sua narrativa, não com aqueles estudiosos, que tinham o propósito de documentar espécies da fauna e flora, entre outros registros "científicos", em suas missões.

É certo que o Rio Grande do Norte também recebeu viajantes, mas suas impressões não foram para os jornais. Henry Koster veio do Recife ao Rio Grande a cavalo, em 1816, e deixou documentada a sua passagem no livro por ele publicado em Londres sobre a sua permanência no Brasil, *Travels in Brazil*, traduzido para o português apenas em 1942 por Luís da Câmara Cascudo. Outro viajante que se pode citar é Gonçalves Dias.

Em missão oficial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nos anos 1850, o poeta e pesquisador veio coletar documentos para o acervo do Instituto; desta missão, restou apenas documentada a precária situação dos arquivos locais e um estudo sobre os governantes da capitania, publicado na revista histórica da instituição. Mas nada disso é o jornalismo que nos interessa, restando ao registro de Francisco Othílio Álvares da Silva o caso raro de relato de viagem publicado em jornal na forma de reportagem.

Considerações finais

A história do jornalismo do Rio Grande do Norte continua a ser uma história a ser contada, uma história que começa com a criação do primeiro jornal, *O Natalense*, em 1832, e, durante o século XIX, se tece por ser um jornalismo, assim como em todo o Brasil, essencialmente vinculado aos vacilantes humores da política.

Envolve, e foi um processo rápido, o domínio de uma tecnologia nova, como denotamos ao escrever sobre o primeiro tipógrafo do primeiro jornal, o prelo, e um conhecimento especializado que partia do alfabetismo e passava pelo conhecimento da técnica de composição e de impressão.

Importante, neste processo, é atentar também para aspectos raros do exercício da reportagem a partir de um relato de viagem. Ambos os casos são completamente incomuns e raros: tanto a escrita da reportagem, pois aqui não identificamos outra, quanto o relato de viagem, pois igualmente não encontramos iniciativa semelhante nas páginas dos jornais da província. Resta, pois, que a reportagem mencionada seja, até então, a única de que temos notícia em se tratando do jornalismo local.

O Recreio é considerado o primeiro jornal literário do Rio Grande do Norte, um jornal que foi uma exceção, pois voltado para o campo literário, publicando exclusivamente crônicas, poemas, charadas etc., e também a reportagem sob a forma de relato de viagem.

Foi preciso, portanto, se debruçar sobre a origem da ideia e o conceito de reportagem no século XIX, e encontramos a compreensão de que relatar é reportar, conceito que não é novo, como nos ensinou Godinho (2021), e entender em que contexto se fez o acontecimento, a viagem, objeto da reportagem.

Importante frisar que a pesquisa histórica encontra nos jornais uma fonte profícua e, por isso, um caminho de pesquisa válido, não só para o campo do jornalismo. Por fim, se pouco sabemos hoje sobre o jornalismo local no século XIX, sobre o repórter, e as circunstâncias e condições da viagem, isso se deve à falta de documentos que nos permitam investigar e ir além.

Se a totalidade dos jornais que foram publicados se perdeu nos caminhos do tempo, por uma série de fatores que não nos cabe elencar, como o desinteresse, a falta de investimentos para coleta e preservação de documentos em arquivos públicos etc., ainda é possível ter acesso ao jornalismo que se praticava no passado nos exemplares remanescentes. Aqui está uma prova. É preciso reler esses jornais e, finalmente, já é tempo de pesquisar a história do jornalismo a partir dos jornais que circularam no passado.

Este trabalho é mais um resultado do interesse e da pesquisa dos autores sobre temas do jornalismo local, certos de que também deve interessar ao jornalismo contemporâneo conhecer suas origens, condições de produção, contexto histórico e cultural.

Não é de espantar que o Rio Grande do Norte, já no século XIX, em um jornal que durou poucos números, muito antes de o jornalismo se tornar prática corrente no século XX, tenha tido sua primeira reportagem publicada.

Foi a história desta reportagem, e a reportagem a partir dos trechos selecionados, que este artigo procurou rememorar. À semelhança do repórter, viemos para contar, certos da importante e necessária contribuição das histórias regionais do jornalismo para a história do jornalismo, pois, como aponta Barbosa, e é importante destacar: "É preciso que os que se interessam pelo estudo da história da imprensa se voltem para a particularização das regiões, construindo mais histórias localizadas em espaços sociais específicos, do que enfeixando suas análises sob a ideia de totalidade" (Barbosa, 2010, p. 12).

Referências

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

CARVALHO, J. M. de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CASCUDO, L. da C. A jornada presidencial de 1861. In: ***O livro das velhas figuras***. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1976.

CASCUDO, L. da C. Imprensa política. In: **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999.

CASCUDO, L. da C. **Nomes da terra**: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2002.

COSTA, M. I. C. da. **Recreio**: periódico crítico, poético e noticioso. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impressos-periodicos-literatura/recreio-periodico-critico-poetico-e-noticioso/. Acesso em: 12 mar. 2026.

FERNANDES, L. **A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832-1908**, Parte I – Notícia histórica. Revista IHGRN, vol. VI, nº 1 e 2, janeiro 1908, p.3-136.

GODINHO, J. Genealogias da Reportagem. In: COELHO, P.; REIS, A. I.; BONIXE, L. (orgs.). ***Manual de Reportagem***. Covilhã: LabCom, 2021. p. 33–56.

HOLANDA, S. B. de. **Capítulos de história do Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JUNQUEIRA, M. A. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental In: JUNQUEIRA, M. A. J.; FRANCO, S. M. S. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/ Humanitas, 2011. v. 2.

LYRA, T. **História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. Natal: Edufrn, 2008.

MELO, M. R. de. Nota. In: CASCUDO, L. da C. **Viajando o Sertão**. 4. Ed. São Paulo: Global, 2009.

MOLINA, M. M. **História dos jornais no Brasil**. v.1 Da era colonial à regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NOVAES, M. E. A viagem imperial ao Espírito Santo. **Revista de História**, [S. l.], v. 29, n. 59, p. 159-164, 1964. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1964.123085

PEYNAUD, C. **Les mots du journalisme**: de la terminologie à la culture professionnelle. ASp – Archivos de la Sociedad de la Información, n. 68, 2015. Disponível em: http://journals.openedition.org/asp/4690. doi:10.4000/asp.4690. Acesso em: 13 mar. 2026.

PINTO, L. M. da S. **Dicionário da língua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.

SOBRAL, G. PIGNATARO, A. F. **Manoel Ferreira Nobre**. Tribuna do Norte, 26 de fevereiro de 2022. http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/manoel-ferreira-nobre/532891

SUSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**. O narrador: a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Recebido em 16 mar. 2026. Aprovado em 1 ago. 2026.